

## DOM LUIGI GIUSSANI 1922-2005

Os textos do vídeo *Dom Luigi Giussani 1922-2005*, publicado em Itália a 21 de fevereiro de 2015 como anexo do jornal diário “Corriere della sera”.

### Introdução

#### **Encontrar Dom Giussani, o seu olhar, a sua vibração humana**

Este vídeo pretende recordar Dom Luigi Giussani no décimo aniversário da sua subida ao Céu. A publicação do livro *Vita di don Giussani*, as suas numerosas apresentações e o vídeo *A bela estrada*, preparado por ocasião dos sessenta anos do nascimento de Comunhão e Libertação, despertaram um interesse pela figura de Dom Giussani que foi bem além do que se podia imaginar. Eu, em primeiro lugar, fiquei surpreendido.

Nestes meses vimos crescer o desejo de conhecê-lo mais: muitos que o ouviram falar, leram a sua biografia ou viram o que nasceu dele e se difundiu em todo o mundo, expressaram o desejo de saber como era Dom Giussani, como falava, como se exprimia.

Como responder a esta curiosidade? Como compartilhar com todos aquilo que aconteceu a nós que o encontramos?

Eis, então, a ideia de um vídeo que permitisse às pessoas que não o conheceram “encontrar” o rosto de Dom Giussani, o seu olhar, o seu temperamento, a sua vibração humana diante das circunstâncias; surpreender, da própria voz de Dom Giussani, o que significou para ele o encontro com Cristo; ver a humanidade diversa que Cristo gera e o fascínio que desperta um homem que O reconhece presente.

Assim que lhe foi apresentada, a ideia foi imediatamente acolhida pelo diretor do *Corriere della Sera*, Ferruccio de Bortoli. Para ele vai a gratidão por ter permitido a realização deste vídeo que satisfaz, de algum modo, o desejo de “ver falar” Dom Giussani.

Através da vida e das palavras de Dom Giussani descobrimos o cristianismo como uma realidade atraente; devemos a ele o interesse pela nossa vida e por um caminho humano. Este fascínio nunca nos abandonou; mesmo mancando, errando mil vezes e mil vezes nos levantando outra vez, nunca tomamos outra estrada.

O protagonista deste vídeo é Dom Giussani, um homem chamado por Deus, que exatamente por força desse chamamento se tornou um protagonista de uma história que, dez anos depois de sua morte, não se interrompeu ainda: a partir do seu “sim” floresceram outros “sim”, isto é, outros “eu”, pessoas normais que vivem hoje da mesma novidade que Dom Giussani testemunhou com a sua vida.

Desfrutem todos.

**Julián Carrón**

*Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

## O PROBLEMA FUNDAMENTAL DE CADA HOMEM

O problema fundamental do homem, de qualquer homem, em qualquer tempo, até ao fim da história, desde quando a mensagem de que Deus se tornou homem foi trazida, entrou no mundo, o maior problema da vida é este: não há problema maior do que este concebível, isto é, o homem não pode imaginar um problema maior para a sua liberdade. Cristo, sim ou não.

\*

“De que adianta você conseguir tudo o que quer e depois perder a si mesmo? O que pode o homem dar em troca de si?”. Assim surgiu no mundo o sentido do respeito, da veneração, do apego, do amor, da confiança, da responsabilidade para com a pessoa. A pessoa!

O Cristianismo não nasceu para fundar uma religião, nasceu como paixão pelo homem. Amor pelo homem, veneração, ternura, paixão pelo homem, estima absoluta pelo homem.

\*

“Que é o homem, para te lembrares dele, o filho do homem, para cuidares dele?”. Nenhuma pergunta me impressionou tanto como esta.

\*

Neste instante, não existe nada de mais profundo e terrível e, ao mesmo tempo, de mais evidente para mim, do que não me estar fazendo, de que o meu ser não é dado por mim. Neste instante, o que é mais meu é algo que me é dado. Se, neste instante determinado, há uma evidência experimentalmente maior, mais fascinante, mais terrível do que esta evidência, nesse momento deverei dizer: “Tu que me fazes”.

Em todo caso, sou feito, sou dado, sou um dom de Outro – de Outro –, que justamente Se esconde dentro da palavra “Mistério”.

\*

O mistério da misericórdia ultrapassa qualquer imagem de tranquilidade ou de desespero; até o perdão está dentro deste mistério de Cristo.

O Mistério como misericórdia continua a ser a última palavra mesmo sobre todas as feias possibilidades da história.

Por isso, a existência se exprime como último ideal na “*mendicância*”. O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo.

\*

JORNALISTA: Por que o esperavam assim?

DOM GIUSSANI: Porque acredito no que digo.

JORNALISTA: Só isso?

DOM GIUSSANI: Sim!

\*

O eu humano tem sede deste Deus, ou seja – como diz Jesus –, “tem sede de vida eterna”. Sem esta sede tudo se tornaria opaco, obscuro, ou nulidade indigesta: quanto mais a pessoa é homem, quanto mais o eu é consciente, impulsivamente amante, tanto mais tudo seria sufocante e intolerável. O eu

tem sede de eternidade, o eu é relacionamento com o infinito, isto é, uma realidade para além de todo limite, no qual a realidade é conhecida.

\*

O infinito é uma *realidade*! Toda a essência do homem, toda a essência e a dignidade, a paixão, sim, o ardor e a comoção que desperta em quem olha o eu do homem como se estivesse no teatro, é quando o eu descobre, se descobre dizendo “tu”; é quando o homem, diante de uma pessoa que não conhecia, ou por maturidade alcançada pela primeira vez na vida, se encontra dizendo “tu” refletidamente. O *tu*! Significa outra coisa: tu não és eu. Tu não és eu: não posso abusar de ti, não posso usar-te, não posso apropriar-me de ti, não posso roubar-te, não posso estabelecer o teu fim em mim, não! Então, a pessoa dá conta do que quer dizer respeito, veneração, adoração. Um homem que não viva um momento assim com a sua mulher, nunca amou a sua mulher, nunca!

### UM PADRE QUALQUER DA DIOCESE DE MILÃO

Mas como é que a minha mãe fazia para me comunicar o senso religioso que ela mesma havia recebido? Como podia ter aquele modo de ler o Evangelho, que me fazia ficar perto da mesa – eu chegava pertinho da beira da mesa e a olhava lendo?

Fala-me da Samaritana, fala... como meu pai que vinha perto da minha cama e me contava a parábola do homem rico (ele era um socialista obstinado, por isso, todas as noites: o homem rico!). E eu ouvia de boca aberta e não me cansava! Mas, havia algo nele que era afim, era da mesma natureza daquilo que havia acontecido: ouvia, e ouvia de novo aquilo que tinha acontecido, na sua verdade de hoje. Assim, narrava-me a parábola evangélica com o ímpeto de alguém que verificava, nos seus dias, a injustiça, ou a justiça, ou a sede de justiça, a fome de quem tinha fome e a saciedade de quem estava saciado.

\*

Lembro-me do instante e do frêmito do instante e do anseio do instante no qual, na minha vida, entendi e se tornou carregado de significado o fato da existência de Deus.

Eu estava no seminário, no primeiro ano do colégio, durante a aula de história da música, dedicada à figura de Donizetti: o professor colocou no toca-disco um trecho do quarto ato de *La Favorita*. Quando o talentosíssimo tenor começou: “Nobre Espírito dos meus sonhos, brilhaste um dia, mas te perdi” Ao vibrar a primeira nota, eu entendi, com ardor, que aquilo que se chama Deus – que é o destino inevitável pelo qual a pessoa nasce – é o fim da exigência de felicidade, é a felicidade de que o coração é exigência irrefreável. O eu humano, o coração do homem é exigência de felicidade.

\*

CHIARA BERIA DI ARGENTINE: Mas, quem é Dom Giussani?

DOM GIUSSANI: É um padre qualquer da diocese de Milão que, tendo realizado todo o itinerário da vida seminarística, o itinerário inteiro, dos dez anos de idade em diante...

CHIARA BERIA DI ARGENTINE: O senhor entrou para o Seminário com dez anos?

DOM GIUSSANI: É, sim! Também ficou como professor por alguns anos. E então saiu para se dedicar, através das aulas de religião nas escolas do Estado, a tentar uma comunicação religiosa que fosse mais facilmente aceita pelos jovens.

\*

Tinha acabado de chegar de uma viagem: no trem, eu havia encontrado um grupo de estudantes que viajavam para Cattolica. Discutimos um pouco, e eu – crente –, diante de sua obstinada falta de fé, estava bem consciente de que era superficial; com efeito, era por ignorância – este era um juízo que eu precisava dar –, era por ignorância que diziam, faziam, se comportavam assim... por ignorância! Então, queria dizer que o cristianismo havia sido dado a eles, haviam encontrado o cristianismo, segundo uma modalidade não conveniente, não adequada, não explicativa do seu significado, não esclarecedora: inadequada. Quer dizer, era uma questão de método. O método, o caminho com o qual o cristianismo havia chegado até eles não era um caminho saudável, saudavelmente compreensivo dos valores que o cristianismo assegurava para esta vida. Por isso, decidi deixar o estudo da Teologia, que me parecia subitamente árido e abstrato diante daquela situação, e fui ensinar religião num colégio milanês.

\*

A minha história é a história de tantos que, querendo o bem dos jovens, conseguem, por graça de Deus – nesse sentido se pode chamar “carisma” –, por graça de Deus conseguem comunicar a eles certezas e afetividades das quais, de outra forma, pareceriam incapazes.

\*

Subindo aqueles três degraus do Liceu Berchet, dizia a mim mesmo: “O que eu venho fazer aqui? Eu venho dar a estes jovens a possibilidade de conhecerem aquilo que eu conheci; por que eu conheci, ouvi as razões, e eles não? Depois, a liberdade marcará o caminho como quiser”.

\*

CHIARA BERIA DI ARGENTINE: O senhor disse que, na realidade, vocês prosseguem com aqueles que eram os reais motivos inspiradores de 1968. Pode nos explicar melhor esta sua posição? DOM GIUSSANI: O amor à autenticidade, a exigência de autenticidade ou de liberdade que animou um certo momento inicial da contestação de 1968 nos encontrou totalmente de acordo. Quer dizer, a sociedade ser mais verdadeira, guiada de um modo mais exemplar, esse não era o desejo apenas de alguns, era o desejo, acredito, generalizado, de todos. A nossa aparição em 1954 tinha a mesma inspiração: criar uma humanidade mais humana. Eu sempre citava uma frase do Evangelho que é muito significativa; diz o Senhor: “Quem me segue terá a vida eterna e o cêntuplo aqui”. E eu dizia na sala de aula: “Que vocês não desejem a vida eterna eu os entendo, porque vocês têm pouca imaginação; mas que não desejem o cêntuplo aqui, então é porque são tolos, porque o cêntuplo aqui...”.

Queremos, como todos os demais, uma humanidade melhor, mas para que uma humanidade viva melhor ela mesma, sozinha, apenas com seus projetos, suas fantasias e suas energias, não é possível.

É isto que queremos dizer com o termo “Comunhão e Libertação”: é apenas a comunhão que Deus tornou possível conosco através de Cristo, é apenas a comunhão entre os homens que reconhecem isto que, dilatando-se, cria oásis de humanidade mais verdadeira.

\*

Nesta época, na qual o Senhor me faz passar através da última cruz da vida, tem sido tema, normalmente, de meditação o Salmo 8 de Davi. Como vocês o conhecem bem... Porém, leio-o assim mesmo: “Ó, Senhor, nosso Deus, como é grande o Vosso nome em toda a terra...”

## O RISCO DO PAI, A LIBERDADE DO FILHO

Eu me lembro de que os primeiros anos em que dava aula de Religião, muitas vezes nas polêmicas e nos debates em classe eu dizia: “Por favor, mandem-nos – nós, do clero – nus pelas ruas, tirem-nos tudo, mas não nos tirem a possibilidade de educar”. E tive de constatar amargamente nos anos seguintes – estas coisas eu dizia há trinta anos – que buscamos de tudo, mas sacrificamos a liberdade de educação.

*O homem se desenvolve por meio de um relacionamento, pelo contato com um outro; o outro, tanto é originariamente necessário para que o homem exista, como também é igualmente necessário para que o homem se realize, se torne cada vez mais ele mesmo. Por isso o homem está destinado a uma realização de si no horizonte total. Portanto, ao menos potencialmente, a educação deve ter como alvo introduzir o homem na realidade total.*

\*

O coração, como lhe chama a Bíblia, esta marca original do homem... Este complexo de exigências e de sentido do destino dele – de exigências de felicidade e de verdade e do destino ao qual estas exigências impulsionam (a Bíblia o chama “coração”: o coração do homem, identificável como exigência de verdade, de beleza, de bondade, de justiça, de felicidade) – é idêntico em todos, em todos!

\*

Um pai e uma mãe são pai e mãe não só por darem o leite no início, e o arroz depois, ao filho que cresce, mas por darem a si mesmos.

\*

“Coração”, portanto, define biblicamente o critério último de verdade para o homem e para identificar o seu fim. Se algo corresponde ao coração, a este coração entendido dessa maneira, é justo; se não corresponde ao coração, está errado, é contra o homem. Se corresponde, explica; se não corresponde, obscurece.

\*

Propor continuamente, esperando contra toda esperança, esperando em qualquer situação, aproveitando continuamente a oportunidade para mostrar a razoabilidade daquilo que foi sustentado e que foi dado, mesmo quando a reatividade parece em sentido contrário, mesmo quando parece que o próprio filho ou o educando seja impermeável, mesmo quando ele percorre evidentemente outros caminhos, é preciso continuar neste dever paterno e materno, gerador, com essa contrição do coração, com essa amargura tremenda, é preciso superar o desconforto. Ei-lo, o risco de educar se joga neste ponto, pois a nós, aos adultos, é dado amar, isto é, propor e acompanhar para uma verificação, para que a pessoa à qual fizemos a proposta possa perceber as razões que nós percebemos. O amor é isto. Não pode ser a pretensão de uma obediência que deve conseguir uma persuasão, uma convicção ainda não formada. O homem, e portanto até o próprio menino ou jovem, é relacionamento livre com o destino, com o infinito, com Deus, com a verdade e com o bem. É um relacionamento livre e por isso é misterioso o caminho mediante o qual a busca do destino se dará nele.

\*

Fazer uma pergunta sobre o que foi dado, sobre o que se encontrou ou sobre o que se leu, sobre o que já é bem conhecido, é justo: isto é crítica! São Paulo tem a mais bonita definição de crítica: *panta dokimázete to kalòn katéchete*. Avaliem cada coisa, fiquem com e adiram ao belo, ao valor que as coisas demonstram ter – o belo sendo o esplendor do verdadeiro, o modo com o qual o verdadeiro é revelado ao homem –; avaliem cada coisa – daqui cresce o homem maduro –, avaliem cada coisa e fiquem com o valor, a consistência que ela tem, o interesse que ela tem para a vida concreta de vocês, para a vida de hoje de vocês, para a existência: o valor de existência que a coisa tem.

\*

Estevão, o centurião, Pedro... são todas pessoas que vieram até aqui, que passaram por aqui. O que os dominava, o que pensavam?

\*

JOÃO PAULO II: Nunca permitam que na participação de vocês se aloje o verme do hábito, da “routine”, da velhice! Isto não é uma ameaça, não ameaça, como dizia Monsenhor Giussani: há jovens, há alguns menos jovens... o mais velho seria o Papa... Mas, ele também, como todos os mais anciãos – ancião segundo a expressão de São Pedro –, ele também busca ser jovem, jovem de espírito.

### DURANTE O MÊS INTEIRO, SÓ LI LEOPARDI

Conheci Leopardi, em maio, no terceiro ano do colégio (estava no seminário), quando, ao ter encontrado um certo poema (*La sera del dì di festa*), que ainda não tinha aprendido (ainda não tinham mandado estudá-lo...), durante o mês inteiro, só li Leopardi, decorando tudo e, desde então, todos os dias, repetia de cor um ou outro canto, até encontrar “aquele” canto que tornei habitual como agradecimento da Santa Comunhão. Tanto que, quando disse isso num encontro de padres (já tinha começado GS), o cardeal Giovanni Colombo – que estava ali perto – disse: “Nossa... se eu soubesse, não o teria ordenado!” Ouviremos a poesia depois... ainda bem que ele não ficou sabendo...

Trecho de “À sua dama”, de Giacomo Leopardi

*Cara beldade, que distante ou escondendo o rosto, amor me inspiras, Menos se no sono do coração, divina sombra, me abalas, ou nos campos onde resplende mais belo o dia e da natureza o riso; talvez tu, a inocente, o tempo alegraste que do ouro tem o nome, ou leve, entre a gente, alma, flutuas? Ou a ti a sorte avara, que a nós te esconde, ao futuro prepara? De ver-te viva, enfim, nenhuma esperança me resta; (...)*

*se das ideias eternas, a única és tu, que de modo sensível desprezou do eterno juízo ser vestida, e entre despojos caducos provar os tormentos de funérea vida; ou se outra terra, nos superiores círculos, entre mundos inumeráveis te acolhe, e, mais bela que o Sol, próxima estrela te ilumina, e mais benigno ar respiras; de cá, onde são os anos infelizes e breves, este hino de ignoto amante recebes.*

“Este hino de ignoto amante recebes”. Ignoto amante: o homem, amante ignoto desta beleza encarnada que, se não estiver nas ruas do mundo, está em qualquer lugar, em qualquer estrela do céu, em qualquer mundo platônico... “Ignoto amante”. Eu, seu amante ignoto, Deus feito carne Você, meu amante ignoto, ignorado por mim, não conhecido por mim, não lembrado por mim! Literalmente, essa identidade é a mensagem cristã como eu a conheci, como é objetivamente. O que

Leopardi expressa, como suprema exigência de poder ver e viver o relacionamento com a beleza que se tornou carne, aconteceu há dois mil anos.

“O Verbo se fez carne” quer dizer “a beleza se fez um homem; a justiça se fez um homem; a bondade se fez um homem; a verdade se fez um homem...” (*Quid es veritas? Vir quid adest*: o que é a verdade? Um homem presente.). Jesus tinha sido profetizado pelo gênio de Leopardi mil e oitocentos anos depois de sua existência. Pois todo gênio é profeta; todo gênio, em qualquer grande gênio existe a profecia. Procurem e vocês vão encontrar a profecia! Leopardi é o profeta do Verbo encarnado.

## UMA FÉ PERTINENTE ÀS EXIGÊNCIAS DA VIDA

Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida. Uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, tudo, dizia e diz o contrário

\*

DOM GIUSSANI: Além disso, também Eliot tinha algo para dizer com uma certa segurança de si quando perguntava: “Foi a Humanidade que abandonou a Igreja ou foi a Igreja que abandonou a Humanidade?”

ROBERTO FONTOLAN: Sempre me perguntei: esta frase de Eliot é uma crítica à Igreja ou é uma crítica à humanidade?

DOM GIUSSANI: Ambas, ambas, inicialmente porque foi a humanidade que abandonou a igreja porque, se eu preciso de algo, e este algo vai embora, eu corro atrás dele. Ninguém corria atrás.

ROBERTO FONTOLAN: E a igreja, quando abandonou a humanidade?

DOM GIUSSANI: A igreja começou a abandonar a humanidade, na minha opinião, na nossa opinião, porque esqueceu quem era Cristo, não se apoiou sobre..., teve vergonha de Cristo, de dizer quem é Cristo.

\*

Mas toda a nossa debilidade não poderá desiludir-nos ou prender-nos: na misericórdia que se revela na Cruz, está a fonte inexaurível desta força luminosa e persuasiva que nos fará sempre e de novo retomar o caminho, “esperando contra toda esperança”.

\*

A fé é como uma grande hipótese de trabalho que nos vem da tradição. Mas, se faltar o trabalho da experiência, permanecerá no nível puramente abstrato e se traduzirá apenas em ritos ou em preocupações moralistas; enquanto que a fé é a vida, é um modo de conceber e sentir a vida.

\*

E esta é a nossa tarefa suprema: não a de ser pai e mãe, não a de ser jornalista ou engenheiro, não a de ser militar ou operário, não a de ser vitorioso nas eleições ou escravo de patrões. Não é isto: a nossa tarefa é difundir no mundo a grande mensagem de Cristo.

\*

Foi-me dado o dom da fé para que eu o dê aos outros, o comunique. Foi-nos dado o dom da fé para que a comuniquemos, e sobre isto será julgada a nossa vida.

Que o homem conheça Cristo, que a humanidade conheça Cristo, esta é a tarefa de quem é chamado, a tarefa do povo de Deus, a missão. “Escolhi-vos para que fossem”.

### HAVIA NASCIDO PARA QUE O MUNDO O PROCURASSE

Jesus se voltou e vendo que o seguiam disse: “O que buscais?”. Responderam-lhe: “Rabi, onde moras?”. Ele lhes disse: “Vinde e vede”. Esta é a fórmula, a fórmula cristã. O método cristão é este: “Vinde e vede”.

\*

João e André, aqueles que O escutaram pela primeira vez, foram para casa e disseram: Encontramos o Messias. Não entendiam o que isso queria dizer – “encontramos o Messias” – repetiram as palavras que escutaram dEle. O que os havia impressionado era que Aquele homem tinha algo de estranho, de excepcional, de irredutível, de impensável, de impensado que não derivava dos precedentes, dos antecedentes, mas se impunha.

\*

Mas imaginem aqueles dois que ficam a ouvi-lo durante algumas horas e que depois têm de ir para casa. Ele se despede deles e eles voltam calados, calados porque invadidos pela impressão que tiveram do mistério que sentiram, pressentiram, ouviram, e depois se separam. Cada um dos dois vai para a sua casa. Não se cumprimentam, não porque não se cumprimentem, mas se cumprimentam de um outro modo, cumprimentam-se sem se cumprimentar, porque estão repletos da mesma coisa, são uma só coisa aqueles dois, de tanto que estão repletos da mesma coisa. E André entra em sua casa e tira o manto, e a esposa lhe diz: “Mas, André, o que você tem? Está diferente, que lhe aconteceu?”. Imaginem a ele que rompesse em choro abraçando-a, e ela que, perturbada com isto, continuasse a lhe perguntar: “Mas o que você tem?”. E ele a abraçar a sua esposa, que nunca se sentiu abraçada assim em sua vida: era um outro. Era um outro! Era ele, mas era um outro. Se lhe tivessem perguntado: “Quem é você?”, teria dito: “Compreendo que me tornei um outro... depois de ter ouvido aquele indivíduo, aquele homem, eu me tornei um outro”. Rapazes, isto, sem ter de fantasiar demais, aconteceu.

\*

“Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino.” “Mas, é louco?” Não é louco. É o explicitar-se de uma concepção da pessoa, do seu eu, de uma visão dos relacionamentos sociais, de um juízo sobre quem é poderoso e sobre quem serve, de uma perspectiva sobre o futuro, de como tratar os filhos. Porque Zaqueu, quem sabe como ficava irado com a mulher; porque quem maneja dinheiro é irascível: paciente com os clientes e irascível com a mulher. Zaqueu provavelmente deve ter ficado irado com sua mulher depois daquela noite, mas começou a sentir dor por isso, mal estar, ficou aborrecido, mudado.

\*

Quando viu aquele funeral, informou-se logo: “Quem é?”. “É um adolescente, cujo pai morreu há pouco tempo”. E sua mãe estava gritando e gritando e gritando atrás do féretro, não como era costume naquela época, mas como é comum na natureza do coração de uma mãe, que livremente se exprime. Deu um passo na direção dela e lhe disse: “Mulher, não chores!”. Mas há algo de mais injusto do que dizer a uma mulher cujo filho morreu, sozinha: “Mulher, não chores”? E era, pelo contrário, o sinal de uma compaixão, de uma afeição, de uma participação da dor sem limites. Disse

ao filho: “Levanta-te!”. E restituiu-lhe o filho. Mas não podia restituir-lhe o filho sem dizer nada: teria permanecido na sua solenidade de profeta e taumaturgo, de homem dos milagres. “Mulher, não chores”, disse. E restituiu-lhe o filho. Mas disse antes: “Mulher, não chores”.

\*

Eu tenho uma certa vergonha de comentar esta página, mas eu convido-os do mesmo jeito a lançar mão da sua boa vontade de coração para aquilo que é inefável, que não pode ser dito, acerca do mistério de Deus que toca o homem e do homem que é tocado pelo mistério de Deus.

Fora o fato de que, primeiro, pergunta: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?”. E é quase compreensível que Pedro lhe tenha respondido: “Claro, Senhor, Tu sabes que eu Te amo”. Mas, na segunda e na terceira vez, Cristo lhe diz apenas: “Simão, tu me amas?”, nem mais... nem menos...

Mas experimentemos identificar-nos com o espírito daquele homem franco e rude que diante do Senhor, tinha o espírito cheio da recordação da sua traição; a sua traição era simplesmente a epifania, o epifenômeno, o manifestar-se de um momento, de qualquer coisa que tinha dentro, ou seja, de uma rudeza, de uma falta de generosidade, de uma obstinação, de um medo, de uma timidez, de uma velhacaria, de uma mesquinhez, de uma mesquinhez que era ele! Pedro tinha o espírito todo cheio disto e, diante daquela pergunta, retornava tudo, e a traição era como uma ponta reveladora: retornava toda a sua miséria. A Igreja mandaria que disséssemos: “Para celebrar os Santos Mistérios reconhecemos que somos pecadores”. Quantos de nós o repetimos quando a Igreja nos manda dizer isso!

Simão sentiu-se em toda a sua insignificância, pusilanimidade, mesquinhez de homem. “Simão, tu me amas mais do que os outros me amam?”. Quando disse: “Senhor, é claro, eu Te amo”, quando disse: “Senhor, Tu sabes tudo: apesar de todas estas aparências, apesar de todas as aparências de mim para mim próprio, Tu sabes que te quero bem”. “Quero-Te bem” quer dizer “quero-Te”. quer dizer “afirmo-Te”, reconheço o que és, reconheço o que és para mim e para tudo. É este o choque do moralismo e da justiça feita com as nossas mãos: que aquele ali era um pobre pecador como eu e como você, que acabava de O trair, ainda mais, de maneira indecente, como talvez a nossa memória nunca tão despudoradamente tenha sido, estava carregado de erro, e contudo queria-Lhe bem! Então, o Senhor disse: Confio-lhe o testemunho de Mim ao mundo. Confiou o testemunho de Si, ovelhas, cordeiros, confiou o Seu reino no mundo àquele pecador mesquinho.

\*

Procuravam-no. Ele tinha nascido para que todo o povo o procurasse. Comoveu-se e inesperadamente veio-lhe à mente – a ele, homem como nós, para quem as ideias vinham, como a nós, das circunstâncias – uma ideia fantástica. Mudou o sentido daquilo que dizia e exclamou: “Não vos darei a minha palavra, mas vos darei de comer o meu corpo, de beber o meu sangue!”. A deixa, finalmente os políticos e os jornalistas e os “homens da TV” daquele tempo tiveram a deixa: “É louco, quem pode dar de comer da sua carne?”.

Todos foram embora: “É louco, é louco”, diziam *durus est hic sermo*, “tem uma maneira estranha de falar”. Até que, na penumbra do anoitecer, sobrou só ele com os doze de sempre.

“Vós também quereis ir embora?” E Simão Pedro, teimoso, Pedro: “Mestre, nós também não compreendemos o que tu dizes, mas, se te deixamos, para onde iremos?”

João e André, e aqueles doze, Simão e os outros, falaram dele às suas esposas, e algumas daquelas mulheres foram com eles...

Mas falaram dele também a outros amigos.

E os amigos falaram dele a outros amigos, e depois a outros amigos, depois a outros amigos ainda. Assim passou o primeiro século, e estes amigos invadiram com a sua fé o segundo século e ao mesmo tempo invadiam também o mundo geográfico. Chegaram até a Espanha no final do primeiro século e até a Índia no segundo século. E depois estes do segundo século falaram a outros que

viveram depois deles, e estes a outros depois deles, como um grande fluxo que se alargava, como um grande rio que se alargava, e chegaram a falar a minha mãe – a minha mãe. E minha mãe falou dele a mim, que era pequeno, e eu digo: “Mestre, eu também não entendo o que Tu dizes, mas se te deixamos, para onde vamos? Só Tu tens palavras que correspondem ao coração”.

\*

Uma de vocês, ainda presente entre vocês, num outro ano, escreveu-me essa folha no fim: Chamo-me Fulana de Tal, queria lhe dizer que eu existo. Rezo por você, e você se lembre de mim. Tchau! Post scriptum: e que nunca as coisas terminem entre nós! E que nunca as coisas terminem entre nós. É o desejo que temos uns para os outros!

\*

Eu posso ser dissolvido, mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto – se Deus quiser – das pessoas indicadas como a hermenêutica verdadeira, como interpretação verdadeira daquilo que em mim aconteceu, tornam-se o instrumento para a correção e para a ressuscitação; tornam-se o instrumento para a moralidade.

\*

Espero ter vivido a minha vida segundo o que Deus esperava dela. Pode-se dizer que eu a tenha vivido sob o signo da urgência, pois para a minha consciência cristã cada circunstância, ou melhor, cada instante foi busca da glória de Cristo.

© 2015 Fraternità di Comunione e Liberazione